

«A INÉRCIA É A MAIOR
DE TODAS AS FORÇAS
DA NATUREZA, E É MUI-
TO MAIS DIFÍCIL DE
VENCER NO HOMEM DO
QUE A VIVACIDADE.»

BALZAC

ANO VI — N.º 153
MARÇO
16
1 9 5 8

AVENÇA



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

O CASO DO BISPO DE PRATO

A condenação do Bispo de Prato por um tribunal civil italiano, sob a acusação de ter difamado um homem e uma mulher declarando-os (à luz da doutrina da Igreja, evidentemente) unidos em concubinato e, portanto, pecadores públicos, por se haverem Igreja, evidentemente) unidos quentamente sujeitos à jurisdição da mesma Igreja) por contrato matrimonial meramente civil, provocou, nos meios católicos, a reacção relatada na Imprensa.

Perante o relevo dado ao facto pela Hierarquia há, mesmo entre os católicos, quem pergunte porquê e quem, embora lastimando a condenação do Prelado, lhe pareça demasiado contundente e individualizadora a sua atitude.

A reacção forte, tão forte que o próprio Sumo Pontífice cancelou todos os actos festivos das comemorações de Sua eleição (o que, nem durante a última guerra aconteceu) justifica-se pelo significado do processo judicial e pelo deliberado acinte que o ditou como atentado à liberdade do magistério episcopal e como ataque à própria Igreja, encadeado na série por que, em prelúdio da campanha eleitoral, Ela está a sofrer na Itália. E a apreciação benévola (benévola em relação aos queixosos...) que dos factos muitos fazem, é filha daquela estado de espírito que a atitude do Bispo procura combater — o espírito de transigência que, de degrau em degrau, atingirá a própria Verdade e os

Oficiais algarvios

COMANDANTE TENGARRINHA PIRES

Foi nomeado comandante do navio Escola «Sagres» o nosso ilustre conterrâneo, prezado assinante e velho amigo, sr. Capitão-Tenente António Tengarrinha Pires.

Oficial muito distinto da nossa Marinha de Guerra tem, na nomeação para cargo de tanta responsabilidade, o reconhecimento do seu valor e por isso sinceramente o felicitamos.

BRIGADEIRO FRANCISCO DE CHAGAS

Pelo último Conselho de Ministros, foi promovido ao posto de brigadeiro, o até então Coronel-aviador Francisco das Chagas, nosso velho amigo e comprouviano.

Felicitamos cordalmente o sr. Brigadeiro Francisco das Chagas, que deve ser o mais novo dos oficiais generais do nosso Exército.

A primeira refinaria de petróleo em ANGOLA

O aproveitamento dos recursos petrolíferos de Angola, a princípio julgado um sonho, vai dia a dia tomando o incremento necessário dentro de um plano previamente traçado e escrupulosamente executado.

Algumas centenas de técnicos europeus e 550 africanos trabalham já na importante indústria cuja actividade trará evidentes reflexos para o engrandecimento daquela província ultramarina e para o conjunto da economia nacional.

Entrou já em serviço a refinaria da «Petrofina», em Luanda — a primeira fase do escalão autorizado pelo Governo.

Esta instalação poderá tratar 100 mil toneladas de ramas de petróleo por ano, sendo a pro-

(Continuação na 3.ª página)

próprios fundamentos da civilização.

Dois exemplos da vida viva ilustração o que dizemos:

Pessoa habituada a esmerada higiene sente mau estar se não tomar banho todos os dias. Se se não passar pelo chuveiro, não fizer a barba, se se não escovar e pentear, são comichões, pruridos, enfiados etc. Todavia, por qualquer razão, espaga os dias de se barbear, deixa passar semanas sem o apreciado banho, desleixa-se a pouco e pouco e acabará por lhe parecer que... a água lhe estraga a pele. Isto é, deixou de sentir a necessidade da higiene, e passou a sentir-se bem encharcado em suor e em porcaria.

Um impecável «gentleman», incapaz de se apresentar perante uma senhora sem o seu jaquetão abotoado, começa por achar a gravata um empecilho inútil, o casaco um objecto demasiado incómodo no verão e depois

(Continuação na 4.ª página)

Electrificação do Concelho DE LOULÉ

Prosseguem activamente os trabalhos preliminares para execução do plano de electrificação do nosso Concelho, obra de excepção envergadura que a nossa Câmara está empreendendo em benefício das populações rurais.

Assim, obtida a comparticipação do Estado, pelo Fundo de Desemprego, no montante de 1.525.700\$00, para execução da primeira fase, logo a Câmara Municipal tratou de promover a abertura dos necessários concursos públicos para adjudicação das empreitadas que, para execução total do projecto aprovado, se dividiram em 4, consoante a natureza dos trabalhos do fornecimento da execução e que a seguir se discriminam:

1) Construção dos edifícios e sub-estação de Loulé e postos de transformação a construir em Boliqueime, Fonte de Boliqueime, Campina de Cima (Loulé), Ponte de Salir, Salir, Benafim e Alte, empreitada já adjudicada ao construtor Eng.º Aníbal de Brito pela importância de 249.533\$60.

2) Fornecedor e montagem do material destinado à sub-es-

234 CONTOS

são concedidos este ano pelo Fundo do Socorro Social

para Instituições de Assistência no ALGARVE

Pelo «Fundo do Socorro Social» vão ser concedidos, no corrente ano, subsídios de cooperação a diversas instituições de assistência, no total de 7.439 contos. Desta verba, cabe ao distrito de Faro a importância de 234 contos, assim distribuídos:

As Comissões Municipais de Assistência de: Olhão — 30.000\$00; Albufeira — 4.000\$00; Alcoutim — 5.000\$00; Aljezur — 3.000\$00; Alportel — 3.000\$; Castro Marim — 3.600\$00; Faro — 24.000\$00; Lagoa — 3.000\$; Lagos — 24.000\$00; Loulé — 18.000\$00; Monchique — 6.000\$; Portimão — 18.000\$00; Silves — 18.000\$00; Tavira — 16.000\$00; Vila do Bispo — 4.000\$00; Vila Real de St.º António — 12.000\$.

Misericórdia e Hospital de Loulé — 10.000\$00; Misericórdia de Faro — 9.000\$00; Associação de Assistência à Mendicidade de Tavira — 12.000\$00; e Misericórdia de Lagos — 12.000\$00.

UMA QUADRA

Dois corações beira a beira
E quatro olhos em brasa
E' que formam a lareira
Que agasalha a nossa casa.

JAIME LÚCIO

A Casa do Algarve comemorou brilhantemente o 128.º aniversário de João de Deus

Tendo passado em 8 do corrente o 128.º aniversário do nascimento do grande poeta e pedagogo João de Deus, patrono da Casa do Algarve, em Lisboa, e, simultaneamente, o 28.º da fundação da colectividade e 12.º do seu ressurgimento, foi solenemente comemorado o triplice acontecimento, na sede do referido organismo regional.

Realizou-se para o efeito uma brilhante sessão, que teve grande concorrência e a que presidiu a neta do insigne lírico messinense, sr.ª D. Maria da Luz de Deus Ponces de Carvalho, presidente da Associação de Jardins-Escolas João de Deus, secretariada pelos srs. Conselheiro Sousa Carvalho e Major Mateus Moreno, presidente da Assembleia-Geral e da Direcção da Casa do Algarve, respectivamente: Coro-

nel Sousa Rosal, deputado pelo Algarve; eng.º Dr. José António Madeira, representante do Conselho Superior Regional da agricultura, e Dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, representante da Comissão Cultural.

Foram oradores os srs. Dr. Maurício Monteiro, vice-presidente da Direcção, e Hermenegildo Neves Franco, 1.º secretário.

(Continuação na 3.ª página)

GENERAL ALVES DE SOUSA

Gostosamente arquivamos nas nossas colunas a notícia da recente promoção à sua actual patente, do sr. General José da Encarnação Alves de Sousa, prestigioso comandante da 4.ª Região Militar e de que se fez eco toda a imprensa.

Embora esperada há bastante tempo e da há muito tida como certa, porque merecida, a promoção do sr. General Alves de Sousa não deixou de causar o maior júbilo entre as solidas amizades que em Loulé grangeou quando, nos recuados tempos do 1.º lustre da actual situação política aqui desempenhou as funções de administrador do concelho.

Ao ilustre oficial, que temos a honra de contar entre os nossos amigos, apresentamos os mais sinceros cumprimentos de felicitações.

Dr. António Pedro da Ponte

Assumiu as funções de Delegado interino do Procurador da República, em Lagoa, o nosso querido amigo sr. Dr. António Pedro da Ponte, filho do saudoso advogado sr. Dr. José Pedro, de Loulé.

Centenário de Mousinho de Albuquerque

Da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário de Mousinho de Albuquerque, recebemos um livro transcrevendo as cartas daquele Ilustre Militar, no período em que exerceu e se demitiu do cargo de Comissário Régio de Moçambique, ao Conde de Arnoso, Secretário particular do Rei D. Carlos.

Por elas se testemunha o prestígio enorme que o Ilustre vencedor de Chaimite conquistara não só pelos actos heróicos praticados para a vitória e consagração do domínio português em África, mas sobretudo o obcecante ideal que o movia de engrandecer o nome de Portugal.

No meio das intrigas políticas, geradas pela conturbada época de lutas e dissídios que tornou possível o advento da República, no meio das ambições dos grandes postos de comando de África e da imperdoável inveja dos seus camaradas, Mousinho foi um fustigador da insensatez da camada governante do seu tempo e quase que um profeta dos graves acontecimentos que tiveram à sua expressão no Regicídio.

Prefaciado pelo Dr. António Rodrigues Cavaleiro da Academia Portuguesa de História e anotado pelo distinto investigador Filipe de Almeida de Eça, do Centro de Estudos Ultramarinos, o livro em questão, esclarece várias facetas da figura de Mousinho, até hoje mal interpretadas ou insuficientemente compreendidas.

17 MAR. 1958

O CONCELHO DE LOULÉ

e alguns dos seus problemas

- Uma estação de caminho de ferro mal situada
- Quarteira e a defesa dos seus pescadores
- Grande falta de escolas

Para conhecimento dos nossos leitores a seguir transcrevemos o interessante artigo publicado há dias no «Diário Ilustrado» onde são tratados vários problemas da nossa terra. O do caminho de ferro é sonho de que os louletanos já se vão esquecendo, não apenas por lhes parecer vãs as esperanças de verem concretizada essa obra de transcendente importância como ainda porque o caminho de ferro já não tem a importância de outrora, devido ao grande desenvolvimento dos transportes rodoviários.

Situada a poucos quilómetros de Faro, a vila de Loulé é, sem dúvida, uma das mais importantes e progressivas do País, podendo afirmar-se que só devido à proximidade da capital do Algarve não foi já há muito elevada à categoria de cidade, como o seu desenvolvimento e a sua importância comercial, amplamente, justificavam. Embora sem indústria, a sua privilegiada localização na confluência dos principais linhas rodoviárias da província do Sul, o arrefeado baírrismo dos seus filhos e a vastidão e riqueza do concelho que encabeça, transformaram-na num centro de grande actividade e altamente progressivo.

Anualmente, a vila é atravessada por mais de vinte milhões

de quilos de alfarroba, figo, amendoa, cortiça, frutos secos e verdes, madeiras, esparto, cerâmica, ou em direcção ao mar, onde são embarcados, ou para diversos pontos do País, onde são consumidos. A necessidade de escoamento de tão grande volume de mercadorias mais acuidade dá a um problema que muito tem afectado a economia da região: a dificiente localização da estação de caminho de ferro, situada a mais de cinco quilómetros da vila e, portanto, longe de servir de maneira eficiente as ne-

(Continuação na 3.ª página)

Jogos Florais da Primavera EM TAVIRA

Promovidos pela Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro de Tavira, vão realizar-se nesta cidade, no próximo dia 12 de Abril, os Jogos Florais da Primavera, aos quais serão admitidos os seguintes géneros literários:

- a) Poesia obrigada a mote.
- b) Composição poética alusiva a Tavira.
- c) Quadra.

A quadra para o mote, da autoria do consagrado poeta tavi-rense Isidoro Pires, é a seguinte:

Como são curtas as horas,
Desde a hora em que te vi;
Quando as passo como agora,
Enlevado ao pé de ti!

O prazo para a entrega das produções termina à meia-noite do dia 10 de Abril e devem ser endereçadas à Direcção da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, «Jogos Florais da Primavera» — Tavira.

«Voz» Desportiva Ciclismo e Futebol EM LOULÉ

Com o objectivo de fomentar a prática do ciclismo e apurar novos valores para a modalidade, a Federação Portuguesa de Ciclismo, promoveu no dia 2 do corrente, provas de ciclismo em cerca de 90 concelhos do País.

Em Loulé, terra onde o ciclismo tem sido o desporto favorito da população, esta iniciativa despertou grande entusiasmo e a ela acorreram muitos entusiastas como participantes e assistentes.

A prova consistiu de: um circuito «Loulé-Goncinha-S. João da Venda-Almancil-Quatro Estradas-Boliqueime-Lagoa de Monprolé-Loulé» (Estádio Campina), com trinta voltas à pista para completar os 50 km., regulamentos.

Esta prova despertou muito interesse, tanto da parte dos corredores como do público. Apesar de ter sido a primeira corrida deste ano, no género, notava-se grande aglomeração de

entusiastas que, ao longo do percurso, dirigiram palavras de incentivo aos ciclistas.

Os corredores seguiram em pelotão até às Quatro Estradas, começando depois a fraccionar-se com várias tentativas de fuga.

Depois de Boliqueime o «Besouro» conseguiu isolar-se, chegando ao Estádio Campina com apreciável avanço, pondo assim mais uma vez em evidência as suas qualidades prometedoras de futuro as do pedal.

Os restantes corredores chegaram quase todos em pelotão.

A corrida foi assim ganha com vantagem pelo jovem «Besouro» corredor dos «Leões».

Para complemento da tarde desportiva realizou-se no referido Estádio um encontro de futebol entre as equipas de Santa

(Continuação na 4.ª página)

Os Jograis de S. Paulo em COIMBRA

Foi, sem dúvida, uma feliz iniciativa a que o Governo Português tomou, convidando para uma digressão pelo nosso país esse conjunto valioso que é o dos Jograis de S. Paulo. Desde logo, porque há-de ser com iniciativas idênticas a esta (e oxalá elas se não façam esperar) que se concretizará o desejado intercâmbio cultural luso-brasileiro.

Depois, também, porque os Jograis sabem pôr o público em contacto vivo com muitas das mais perfeitas realizações poéticas da língua portuguesa. E como sabem fazê-lo!

Nos coros falados — admiráveis de sincronização e harmonia — ou em qualquer dos poemas ditos apenas por um dos seus elementos, está sempre presente a sua fundamental preocupação do repúdio dos recursos que não sejam aqueles mesmos que a composição, por um lado, e a sua dicção perfeitamente controlada, por outro lado, lhes fornecem. A sua técnica estudada não se compadece com os efeitos fáceis da mímica, mas também não desperdiga nenhuma das oportunidades — inerentes ao próprio — poema que lhes permitem «chicotear» a sensibilidade de quem os escuta. Há, simultaneamente, uma sobriedade notável e uma utilização avarea de todos os elementos poéticos susceptíveis de serem valorizados pelo seu absoluto domínio da dicção.

Estas características gerais surgem, porém, um tanto desfiguradas em certo número de poemas, incluídos nos recitais — segundo creio — para colherem os aplausos dos espectadores que desejam apenas «ouvir coisas engraçadas». Assim acontece, por exemplo, com «O dinheiro», de João de Deus, com «Moda dos quatro rapazes», de Mário de Andrade e, em especial, com «Lisboa», de António Botto; neste último caso, chocou-me sobremaneira o mau gosto de se introduzir, como fundo, o estrilho de uma canção afadistada...

Mas a outra face da actuação dos Jograis (e essa é, quanto a mim, a verdadeira) atingiu um nível francamente bom; recorro, por exemplo, «Elegia desesperada» e «O dia da criação» de Vinícius de Moraes, «Ode marítima» e o fragmento da «Ode triunfal», de Fernando Pessoa, «Evocação do Recife», de Manuel Bandeira, «Reportagem», de José Régio e «Resíduo», de Carlos Drummond de Andrade, em que foram feitas a «realização dos poemas e a transmissão das emoções (e do humor, no caso de Vinícius de Moraes) que eles encerram.

Nas recitações individuais chamaram-me especialmente a atenção os poemas «Se te queres matar», de Fernando Pessoa (por Armando Bogus), «Mãe», de Mário de Andrade, e «Quando eu morrer», de Saul Dias (por Maurício Barroso), «Canção», de António Botto, e «Quando a Primavera vier» de Fernando Pessoa (por Rubens de Falcó) e «Poema em linha recta», de Fernando Pessoa (por Rui Afonso). Todos estes poemas foram «recriados», vivos e palpitantes, pelas vozes mestras dos quatro componentes dos Jograis, que neles puseram o seu cunho pessoal, reinventando-os (bem justa foi, sem dúvida, a apreciação que Carlos Drummond de Andrade lhes fez e por isso a reproduzo):

O êxito indiscutível que os Jograis obtiveram em Coimbra, facilitado embora pelo nível cultural de muitos dos que os ouviram, foi uma consagração feliz do valor desta embaixada brasileira.

Coimbra, Dezembro de 1957

VALDEMAR ANDRADE

Marcha fúnebre ao som de guerra

Se eu ao menos pudesse morrer em glória
Com a fronte trespassada por duas balas de fogo!
Se eu ao menos pudesse dissolver-me
Na matéria eterna, nos nubes infernais!
A vida e o mundo são palavras malditas
Na boca de condenados.
Palavras malditas que queimam os meus lábios,
Grilhetas enferrujadas de angústia,
Dias sem sol e sem perdão.
E beijos? Fora com os beijos!
Não quero beijos nem nada!
Quero morrer a odiar todo o mundo
A odiar tudo e todos.
A escarrar nas faces puras das donzelas
Que deixarão de ser donzelas!
Não quero levar nada. Nem flores,
Nem lágrimas, nem saudades, nem amor!
Quero que me deixem ir livre e íntegro
Eu — sem nada de vós.
Só com a vossa indiferença.
Não me chorem
E não tirem o chapéu quando eu passar!
Passem na mesma, pego-vos!
Deixem que eu vá sem a vossa compaixão
E sem o vosso ódio!

Coimbra, Setembro de 1957

MARQUES DOS SANTOS

QUANDO FORES A LISBOA

OUVE, ANTÓNIO, QUANDO FORES
A LISBOA
ESPERA A NOITE CHEGAR,
MAS QUE SEJA NOITE FUNDA
E NOITE DESESPERADA,
SAI P'RA LONGE DA CIDADE,
P'RA FORA, AO QUE LÁ SE CEAMA
NÃO SEI SE «FORA DE PORTAS»
E VAI AO «LOBOS DO MAR»,
O LOBO É FALSIFICADO,
O MAR É FALSIFICADO,
NAZARETH CHEIRA A MIAMI,
MAS NÃO FAZ MAL.
VAI, E DIZ AQUELES LOBOS
QUE EU OS AMO COM CONSTANCIA,
COM MUITA INUTILIDADE
COMO CONVENIEM QUE SE AME
AO QUE LONGE NOS ESTÁ,
EM DISPONIBILIDADE;
E QUE CHORO A MADRUGADA
(E QUE CHORO A MADRUGADA)
QUE ME ARREBATOU DE LÁ.

São Paulo, 1957

RENATA PALLOTTINI

Aconteci- mento

Banal

Vocês não querem saber
isto deu-se esta manhã
com nevoeiro a desfazer esquinas
Miguel atirou-se ao rio
e foram vãos gritos de alarme
de gente agitada
com pés fixos na margem

Aquilo tinha de acontecer
Miguel trazia o ritmo dos motores
preso nos pulsos

Mas Miguel foi estúpido
podia ter escolhido melhor altura
por exemplo quando o rio levasse mais água
assim apanham-lhe o corpo
em qualquer areal
e fazem-lho em pedaços
à procura de um crime que toda a gente cometeu

Na verdade Miguel
não fez a coisa com limpeza

Mesmo depois de morto
ele ainda continuará a sentir
o ritmo diabólico
das pancadas secas dos motores

Coimbra, 1957

SILVA MARQUES

FALA-SE DE TEATRO

Comentário a um comentário (2)

Por Fernando Midões

A terminar o nosso Comentário ao Comentário de Redondo Júnior inserto no «Século Ilustrado» de 14 de Setembro último, vamos hoje analisar ponto por ponto o citado artigo, após as considerações de ordem geral que expressamos no anterior número de «Prisma».

O citado crítico, dava conhecimento ao grande público de que, em Maio transacto, fora enviada ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa uma exposição, em que a artista dramática X, e o escritor e jornalista Y em seu nome e no do actor Z (ao tempo em «tournée» na América do Sul) se propunham:

a) Organizar uma companhia de Teatro declamado no início do próximo ano (1958).

b) Fazer funcionar, junto da companhia, uma escola de Teatro destinada à formação de actores, encenadores, decoradores e técnicos de cena à maneira do que Jacques Copeau criou junto do Vieux-Colombier e de tantas outras existentes onde o clima artística o permite. Aos intelectuais portugueses seria destinada activa colaboração, encarando-se, ainda, a vinda de encenadores estrangeiros.

c) Fomentar, com assiduidade, a realização, a preços acessíveis, de tardes culturais, conferências, debates, concertos, etc.

d) Para a efectivação das alíneas anteriores — sugeriam os signatários — no caso de se permitir a existência de teatros no primeiro piso dos prédios novos, sugeriam diziamos, que a Câmara Municipal em qualquer edifício a fazer da sua iniciativa, dotasse a cidade de mais um teatro, cedível (por aluguer ou qualquer outra modalidade) à obra esquamizada na mesma exposição.

e) A sala deveria ter características que a situassem no meio termo entre o teatro comercial e o de ensaio, com balcão, plateia, lotação para setecentos lugares e um palco que permitisse as mais avançadas encenações, só possíveis com a técnica dos nossos dias. Ao dispor do organismo municipal colocavam-se os elementos necessários à execução do plano.

—X—

A resposta a este grandioso projecto, que poderia ser a alavanca destinada a reerguer o nosso teatro, dada pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, foi em resumo a seguinte: projecta-se a criação duma sala de espectáculos no futuro palácio da cidade, a erguer no Parque Eduardo VII, pelo que o alvitre fica assim prejudicado, mas regista-se com prazer o interesse demonstrado pela obra cultural do Município. — Quase não resistimos à tentação de deixar por aqui o nosso Comentário!

A uma iniciativa de tão elevados propósitos respondem-nos com a evasiva duma vaga promessa. Até aqui estávamos todos convictos da vantagem de existir o maior número possível de casas de teatro... mas os Serviços Culturais da C. M. L., (atendendo até na obra que já realizaram e vão realizando) paradoxalmente parecem demonstrar-nos o contrário. Não afirmou já alguém que para aferir o nível dum povo devemos ir ao seu teatro e atentar no que lêem as suas crianças?

Os nomes dos signatários, que facilmente se adivinham, não seriam garantia duma obra cultural séria? Podemos-nos dar ao luxo de escolher melhores, entre nós? Não estará o nosso Teatro necessitado duma pedagogia renovada (se é que alguma existe!) assim como do debate serenamente construtivo entre os poucos capazes de nele interviem? Porquê evitar as janelas escancaradas para o Mundo e não pedir num acto de humildade, a estranhos, que nos ajudem a acertar o passo por eles? Será preferível o afogamento em convenções e convicções bafiantes?

Como estas muitas questões se poderiam propôr. — Até quando «esta apagada e vil tristeza?»

Já depois de escritas as primeiras linhas deste Comentário fomos informados de que a Fundação Gulbenkian tencionava erguer, no local do presente Teatro Avenida e imóvel contíguo, um teatro como é exigível que uma cidade como Lisboa tenha muitos. Mais nos disseram: que têm entrado na Câmara Municipal vários projectos para salas de espectáculos em prédios de rendimento. — Mas, espera-se porquê? Porque não se começa já a renovação?

Certas realizações cénicas desta época e outras que se conhecem



linoleo de
Cavaco Guerreiro

Mário de Sá-Carneiro e a «Dor de ser - quase»

Por Gastão Cruz

O ponto máximo do drama expresso na obra de Mário de Sá-Carneiro, e em especial no livro «Dispersão», é talvez a trágica «dor de ser-quase», a desadaptação do seu ser, que ele desejaria fosse «brasa» ou «além», aquilo a que se encontra reduzido.

Essa limitação da sua natureza, insuportável ao Poeta, que arde pelo absoluto, leva-o a tentar fugir-lhe por todos os modos. Assistimos assim a alucinantes desdobramentos de personalidade, que têm um papel dominante na novela tão original quanto perturbantemente bela «A Confissão de Lúcio». Do mesmo modo, os seus versos descrevem a cada passo, por vezes através de maravilhosos tecidos de sugestões, sensações muito especiais, ora delirantes, febris, dir-se-ia que para com esse frenesi rebeitar as «grades sobre os precipícios» e as «ogivas para o sol... cerradas», símbolos da prisão em que inútilmente se debate, ora súbtis, perseguição das «essências languens, fugidas», das «febris esguias», dos «beijos... de tule», em que parece ver reflexos de uma felicidade perdida, «indícios de ouro» possuídos outrora, de que o Poeta tem saudades e que a todo o custo quer recuperar.

Logo no primeiro poema do livro «Dispersão» — «Partida» —, nos surge o verso «vêm-me saudades de ter sido Deus», que nos mostra a consciência que o Poeta tem de ter sido em tempos grande, antes da sua existência humana — «Lord que eu fui de Escócia de outra vida».

A sua entrada no mundo, o qual lhe desagradou a tal ponto que dele acabou por sair voluntariamente, deslocou-o do seu ambiente de grandeza, fora do qual ele sente que nada justifica a sua existência:

Sou estrela ébria que perdeu os céus,
Sereia louca que deixou o mar;
Sou templo prestes a ruir sem deus,
Estátua falsa ainda erguida ao ar...

No poema «Partida», o Poeta refere-se a «ter sido Deus» e, chelo do orgulho, reage contra a condição que tanto o humilha: ter de sofrer a nostalgia «de além» e não poder atingi-lo:

A minh'alma nostálgica de além,
Cheia de orgulho, ensombra-se entretanto,
Aos meus olhos unguídos sobre um pranto
Que tenho a força de sumir também.

Porque eu reajo. A vida, a natureza,
Que são para o artista? Coisa alguma.
O que devemos é saltar na bruma,
Correr no azul à busca da beleza.

Sente a sua alma pequena e limitada, quando era sem fronteiras que a desejaria:

E numa extrema-unção de alma ampliada,
Viajar outros sentidos, outras vidas.

Vendo inútil o seu esforço de libertação, o Poeta lamenta a sua desgraça, pois por pouco não atingiu a vitória. E este o assunto do poema «Quase», o mais belo de Sá-Carneiro e por certo uma das obras mais geniais de toda a Poesia:

Um pouco mais de sol — eu era brasa,
Um pouco mais de azul — eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num baixo mar enganador de espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho — ó dor! — quase vivido...

Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim — quase a expansão...
Mas na minh'alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou...
— Ai a dor de ser — quase, dor sem fim... —
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se lançou mas não voou...

Um pouco mais se sol — e fora brasa,
Um pouco mais de azul — e fora além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Em «A Queda», último poema de «Dispersão», uma nova rajada de orgulho excita Sá-Carneiro, que, num heroísmo não artificial, pois que corresponde ao suicídio que em breve o vitimaria, clama:

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,
— Vencer às vezes é o mesmo que tomar —
E como inda sou luz, num grande retrocesso,
Em raivas ideais ascendo até ao fim:
Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...

Tombei...

E fico só esmagado sobre mim!...

Assim, é perfeitamente lógica a ordem por que estes três poemas estão incertos no livro «Dispersão», havendo entre eles outros poemas que são o reflexo da permanente tortura do Autor; chega mesmo a ansiar pelo desfecho que o drama acabará por ter — «Ai que saudades da morte...», «Quero dormir... ancorar...». Também o poema «Além-tédio» é representativo, pois formula precisamente a evolução fundamental que notamos de «Partida» para «A Queda». Colocado no livro um pouco antes deste último, é já o seu prenúncio e recorda a tentativa de evasão expressa em «Partida», tentativa que chegou a iludi-lo — «miragem roxa de nimbado encanto» —, mas que afinal, baldado o sonho, acabou por mostrar-lhe a impossibilidade de atingir o que queria.

Faro, 1957

GASTÃO CRUZ

como projectos, parecem indicar uma fuga ao marásmo em que se vive. — Vamos decididamente contra ele. Todos nós, actores, emprezários, encenadores, público, autoridades, temos um papel a desempenhar e não será de boa fé recusá-lo. Só com o trabalho harmónico de todos se poderá voltar a falar do Teatro português, se poderá viver esse jogo de mistério e maravilha como os homens ainda não encontraram outro.

Beja, Novembro de 1957

FERNANDO MIDÕES

FEIRA das Indústrias

(Continuação da 1.ª página)

atingiu já, em alguns sectores, um nível revelador de uma alta especialização.

Isso tudo justifica esse movimento crescente de interesse pela F. I. P., que todos os anos tem registado um ininterrupto sentido de crescimento, tanto pelo número de expositores e área ocupada pelos respectivos «stands», como pelo número de visitantes que em 1957 atingiu a apreciável cifra dos trezentos mil. Em relação ao certame que está em preparativos para 1958, a medida desse interesse pode documentar-se pelo elevado número de industriais que se pronunciam manifestando o propósito de nela participar, logo que foi anunciado como aberto o prazo para as inscrições. Embora a esta primeira inscrição tivesse sido atribuído um carácter simplesmente provisório, logo muitas das firmas concorrentes afirmaram o desejo de a fazer com sentido definitivo, requeitando desde logo que lhes fosse reservado espaço superior ao que ocupava na FIP-57.

Uma tão grande e decidida expectativa, põe efectivamente, aos organizadores e técnicos da Feira problemas para que nem sempre se oferece fácil solução, mas constitui ao mesmo tempo uma razão justificativa da oportunidade do certame e uma confirmação de que, de ano para ano, ele se avoluma na significação que verdadeiramente se lhe deve atribuir no quadro geral da vida portuguesa: sinal de progresso meditado, planeado e em permanente execução.

Os Serviços Técnicos da FIP, estão já a elaborar a planta definitiva do certame deste ano, que tem a sua abertura marcada para o período de 10 a 25 de Maio.

Um "Fiscal do Estado"

(Continuação da 1.ª página)

Entretanto as autoridades locais providenciavam no sentido de comunicar às autarquias do concelho o que se passava. Então toda a dúvida — se dúvidas ainda pudessem subsistir no espírito de alguém — se dissipou.

O homem não era «Fiscal do Estado», mas sim um burlão vergonhoso que, desde sexta-feira, andava a ser procurado pela Polícia.

Na segunda-feira, à tarde, depois de prestados todos os esclarecimentos, ao sr. Comandante do Posto da P. S. P. em Loulé, lá foi o nosso «Fiscal», dormir descansado nos calabouços silenciosos da esquadra policial e gozar repouso merecido pelo trabalho mal remunerado.

E, aqui, termina o primeiro capítulo desta tragédia, porque o segundo já deve ter começado: — o capítulo das averiguações.

E, ainda bem, que tudo terminou. Assim o vendedor da T. S. F., que o homenzinho trazia, pode ver o seu rico aparelho e todos os que lhe forneceram comida e pousada esperam que ele satisfaça os seus débitos. Só quem fica a perder são os companheiros de trabalho.

Aqui finda, também, a reportagem, mas continuamos ansiosos à espera que a P. S. P. publique o 2.º capítulo desta tormentosa aventura.

POSTO DE ABASTECIMENTO

Vai ser inaugurado, brevemente, junto à Estrada Nacional n.º 125, ao quilómetro 78, no sítio denominado Poço de Boliquireme, um posto de abastecimento de combustíveis e carburantes para veículos motorizados.

Fica-se a dever o importante melhoramento ao denodado espírito de iniciativa ao sr. Teodoro Gonçalves Silva, conceituado comerciante da praça de Boliquireme, e à colaboração técnica prestada pela Companhia Mobil Oil Portuguesa.

Todos os proprietários e condutores de veículos automóveis que circulam entre Faro e Portimão, assim como os da área de Boliquireme e freguesias limítrofes, encontrarão ali, além da indispensável gasolina, o gasóleo e óleos necessários ao funcionamento dos seus veículos.

«A Voz de Loulé» congratula-se com este melhoramento que veio preencher uma lacuna existente, ao felicitar aquele nosso amigo e assinante, deseja-lhe um bom negócio.

C.

CASAS

Alugam-se, Uma na Rua da Corredora, outra na Rua da Mouraria.

Quem pretender, dirija-se a José Maria Gallo, em Loulé.

Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

rio, os quais salientaram, em vibrantes alocuções, o valor da obra espiritual do imortal autor da «Cartilha Maternal», e os numerosos serviços já prestados ao Algarve pela instituição regionalista de que o grande educador é patrono.

Depois de afirmar que seria muito grato ao seu espírito ver em breve restituído ao Liceu de Faro o nome de João de Deus, o Dr. Maurício Monteiro apelou para o espírito patriótico de todos os algarvios, no sentido de alcançarem os resultados necessários a subscção já aberta pelo Conselho Superior Regional da Casa do Algarve a favor da construção de um Jardim-Escola João de Deus, em Faro, iniciativa formosa e oportuna, que historiou.

A presidente da mesa, num emotivo improviso, prometendo todo o seu concurso à realização de tal iniciativa, agradeceu enternecidamente o carinho com que a Casa do Algarve todos os anos costuma evocar, em sessões sempre brilhantes, a memória augusta de seu avô e a obra dos Jardins-Escolas, instituída por seu pai.

A completar a sessão, seguiu-se um sermão de arte, que a distinta poetisa e escritora Nita Lupi abriu por algumas palavras sobre a poesia de João de Deus e com recitativos de composição do poeta — palavras e recitativos que encheram toda a assistência de encanto.

Júlia Barroso, também grande nome da arte algarvia, cantou depois primorosamente uma canção de João de Deus, vários coridinhos e uma suave lenda, sendo os acompanhamentos ao piano feitos por D. Helena Moreira Viana. O conceituado pianista Dr. José Carlos Picoto, fez-se, finalmente, ouvir, em vários trechos de música clássica, com vivo agrado, e Tomás Vieira da Cruz, grande poeta angolano, recitou uma composição de sua autoria sobre o Algarve, dedicada a João de Deus e acompanhada ao piano por Marques Ribeiro.

Tanto os oradores como todos os executantes foram vibrantemente aplaudidos.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo sem primeiro visitar o STAND de José de Sousa Pedro
Rua 5 de Outubro, 29 a 33
LOULÉ

A primeira refinaria de petróleo

(Continuação da 1.ª página)

dução dos poços já abertos, nos arredores de Luanda, avallada recentemente em 600 toneladas diárias, o que dá não só para abastecer a refinaria, mas ainda para a exportação de ramas em quantidade sensivelmente igual.

O consumo de produtos derivados do petróleo em Angola, que em 1954 fora de 82.233 toneladas, passou em 1955 para 101.102, e em 1956 subiu para 136.548. Nos primeiros três meses de 1957, Angola importou 88.778 toneladas de produtos petrolíferos.

As pesquisas actualmente feitas pela concessionária atingem uma área de 40.000 quilómetros quadrados, com 13 poços, onde têm sido obtidos os mais satisfatórios resultados.

O franco progresso desta nova actividade económica marca, sem dúvida, mais um passo decisivo no caminho da industrialização do País.

Máquinas de Escrever

ALUGA a dias ou a meses o CENTRO COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES e INFORMAÇÕES.

Rua da Carreira, n.º 5 —
Telef. 277 LOULÉ

Se deseja um bom trabalho de reportagem fotográfico ou cinematográfico do vosso casamento

PREFIRA O FOTÓGRAFO CINEASTA

Helder

que dispõe de excelente e moderna aparelhagem

Rua Manuel Penteado, 22

FARO



Cantinho das Leitoras

Para tirar nódoas de baton, ensope um pedaço de algodão em óleo de eucalipto e esfregue suavemente.

Para os mármore ficarem limpos e brilhantes passe-os com leite.

Para tirar nódoas de caril, utilize um trapo embebido em óleo de eucalipto. Esfregue primeiro suavemente e, se a mancha for renitente, esfregue então com energia.

Use leite em vez de água para fazer massa folhada e verá como não amolece tão depressa.

Para obter batatas fritas mais torradas enquanto se fritam, tire-as para fora, reaqueça a gordura até fumegar e torne a colocar as batatas na frigideira.

OS NOSSOS FILHOS

Achar graça aos gestos menos correctos, às palavras agressivas, e à desobediência da criança, «por não saber o que faz» é uma educação pernicioso, que contribui para um futuro desagradável.

Deixe falar o seu filho a vontade e, ouça-o. Fale-lhe sempre com correcção e responda às suas perguntas com paciência, ainda que elas lhe causem um certo nervosismo. Leia-lhe sempre livros bons. Quando vir que ele está fatigado, deixe-o ir-se embora. Estimule-o a racionar a planear, a seguir instruções. Não o obrigue a aprender. Respeite a liberdade dele e demonstre-lhe que o estima.

Eduquemos a criança com o máximo respeito, dentro duma camaradagem e compreensão mútua, entre os pais e os filhos.

PARA RIR

Luisinho entra na sala onde estão várias pessoas. O pai olha para as suas mãos e pergunta: — Que porcaria é essa? Que estive a fazer para sujaras assim as mãos com zarcão? — Estive a fazer festinhas na cara da mãe!

ELA — Eu não acredito que fosse sincero quando me disse que estava ansioso por me ouvir cantar.

ELE — Creia que o era. Bem sabe que eu nunca a tinha ouvido antes.

GRAÇA MARIA

Despedida

Por motivo de retirada para Leiria, onde oferece os seus limitados préstimos, e na impossibilidade de o fazer pessoalmente, José Ribeiro de Jesus apresenta os seus cumprimentos de despedida a todas as pessoas que se dignaram distingui-lo com a sua amizade.

Pastas de Cabedal

Nos mais modernos modelos e aos melhores preços. Veja o grande sortido da casa de solas cabedais de

João Martins Rodrigues
(Rua do Tribunal) — Loulé.

AZEVEDO & NEVES, LIMITADA

Sede em Loulé

Por escritura de 6 de Março de 1958, lavrada nas notas do notário da Secretaria Notarial de Loulé, licenciado José Alves Maria, foi constituída entre José Mateus de Azevedo e Herculan Pedro das Neves, a qual será regida pelos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma Azevedo & Neves, Lda, e fica tendo a sua sede e estabelecimento em Loulé, na Avenida José da Costa Meilha, sem número.

2.º

O seu objecto é o exercício do comércio de camisolas, meias e mais artefactos de malha, e retroseiro, ou qualquer outro ramo de negócio que resolva explorar, dentro dos limites da lei.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo desde hoje.

4.º

O capital social é de 20.000\$00 em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas iguais, uma de cada sócio, integralmente realizadas.

5.º

A gerência da sociedade fica confiada a ambos os sócios, com o uso da firma e dispensa de caução.

6.º

A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento do sócio não cedente.

7.º

É vedado aos gerentes o uso da firma em fianças, abonações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

8.º

Os balanços serão anuais e encerrar-se-ão em 31 de Dezembro, e os lucros líquidos apurados, deduzidos 5% para o fundo de reserva legal ou sua reintegração, e as perdas, se as houver, serão repartidos ou suportadas pelos sócios, na proporção das suas quotas.

9.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de 8 dias, salvo se a lei determinar outra forma de convocação.

10.º

No omissão regularão as disposições de lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Loulé, 10 de Março de 1958

O Notário,

José Alves Maria

NOVIDADES em artigos de plástico

SÓ NA

Papelaria Louletana

SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSÉ DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ

ARTIGOS ESCOLARES o maior sortido da praça
Papelaria Louletana

«A Voz de Loulé» — Loulé.

N.º 153 — 16 - 3 - 1958

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e nos autos de ACÇÃO DE DIVÓRCIO LITIGIOSO que ROSA GUERREIRO FELÍCIO, casada, doméstica, residente na rua do Esparguina, desta vila e comarca, move contra seu marido JOSÉ MARTINS, casado, trabalhador, ausente em parte incerta da França e cujo último domicílio conhecido foi no sítio do Brotual, freguesia de São Sebastião, desta mesma comarca, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o referido réu, para, no prazo de VINTE DIAS, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito pela autora que consiste no divórcio entre ela e citando, com os fundamentos do abandono do lar por mais de 3 anos e ausência sem notícias por tempo superior a quatro, constante do duplicado da petição inicial que se encontra patente nesta Secretaria Judicial, para lhe ser entregue quando solitado.

Loulé, 21 de Fevereiro de 1958

O Chefe da 1.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente Júnior

VENDE-SE

PREDIO em LOULÉ com dependências para habitação e industria de padaria, com alvará. Ou ALUGA-SE só a parte relativa à padaria. Tratar nesta Vila com Manuel Vicente — Rua Martin Moniz, 21, 35.

Artigos para desporto

Tudo o que precisar. Na PAPELARIA LOULETANA.

O Concelho

DE

LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

cessidades da populosa zona louletana.

Aliás, o traçado da linha de caminho de ferro deixa muito a desejar em toda aquela região. Para se pouparem uns cinco ou seis quilómetros de linha, prejudicou-se em escala difícil de definir, mas elevada, o mais rico concelho do Algarve em produção agrícola. Não sabemos a que se deveu tão caprichosa decisão mas a verdade é que a estação de caminho de ferro de Loulé não pode ter sido construída em tal ponto com o objectivo de servir convenientemente os interesses da localidade — o único a que era justo e lógico atender. Não seria possível remediar o caso? Não poderia a C. P. dar satisfação a um desejo pelo qual os louletanos se batem há mais de cinquenta anos? Loulé, pela sua importância e por tudo o mais, merece que se faça quanto for possível nesse sentido.

C PROBLEMA DE QUARTEIRA

A dois passos de Loulé, está Quarteira — terra de pescadores e de Turismo, com a sua praia de largos horizontes, hoje uma das mais concorridas do Algarve.

Continuam também por resolver alguns dos muitos problemas desta risonha povoação. Um deles afecta, inclusivamente, a sua sobrevivência como centro populacional e refere-se à imperiosa necessidade da construção de um molhe de protecção que a defenda das investidas do mar, para que não aconteça à actual Quarteira o que já aconteceu com a antiga Cartêla dos romanos, que foi tragada pelas águas.

Nada se fez. E, no entanto, as obras de consolidação do pequeno porto de pesca seriam muito menos dispendiosas do que as necessárias para reparar os estragos provocados pela fúria do mar e poriam fim à constante ansiedade em que vivem as famílias dos pescadores — praticamente toda a gente da localidade.

Estes problemas — má localização da estação de caminho de ferro de Loulé, e necessidade de defender Quarteira — são os mais importantes do concelho mais populoso e mais rico do ponto de vista agrícola, do Algarve. Outros há, como a escassez de edifícios escolares apropriado mas todos se esfumam ante a capital importância daqueles.

Trabucho Alexandre

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE!
«A Voz de Loulé»

Geraldo Stevens

SOLICITADOR PROVISIONÁRIO

Rua D. Paio Peres Correia, n.º 1 (próximo do Posto da Policia de Segurança Pública)

LOULÉ

LIVROS E AUTORES

VIGDIS — a indomável

romance de Sigride Undset

O desconhecimento que em Portugal é um facto das literaturas nórdicas, de uma originalidade e interesse notáveis, continua. Apenas, de vez em quando, nos surge uma ou outra edição a lembrar-nos que na Suécia, na Noruega, na Dinamarca, também existem escritores e bons escritores. Consideremos também o desconhecimento quase total que é para nós, também, a obra poética desses países, e chegaremos à conclusão de que, apesar de estarmos em Portugal na época das traduções, elas não são ainda suficientes. É que, na maioria, trata-se de traduções de livros multicores e desenhados que só estupidificam. Dos bons, não há que temer a concorrência aos nossos escritores, não menos bons: pelo contrário, é até uma modalidade de ensinar o público a apreciar boa literatura, uma maneira de conduzir o público ao que há de bom, por cá.

Acabei de ler, de um só fôlego, este romance de Sigrid Undset. É uma obra notável. Conta uma longa história de amor e de ódio, ao mesmo tempo que nos apresenta uma paisagem original. É, sobretudo, um estudo minucioso da psicologia dessa VIGDIS, mulher-humaniíssima, a provar que a raiz forte e serena que está na terra que os homens são, estende-se para além das subtilidades do quotidiano.

Quanto existe de Sigrid Undset na sua Vigdis? É a pergunta que se nos depara de cada vez que encontramos uma personagem romanesca forte e humana. É ainda nessa particularidade, que deve ser a base de qualquer romance, que se encontra representada a solidez deste romance: apesar de localizado há quase uma dezena de séculos, foram homens e mulheres a que a escritora deu vida; e o elemento humano, seja de que época e de que lugar for, terá sempre o interesse de quem o contactar.

(Coleção Latitude — Estúdios Cor
Capa de Infante do Carmo, Tradução de H. Ferreira Alves)

CASIMIRO DE BRITO

CALÇADO PARA HOMEM
FABRICADO EM BONS CALFS
a preços excepcionalmente baixos:
80\$00, 90\$00 e 100\$00
Vende o depositário em LOULÉ
João Martins Rodrigues
Rua Vice Almirante Cândido dos Reis, 23



«VOZ» DESPORTIVA

(Continuação da 1.ª página)

Bárbara de Nexe e «Os Leões», que derrotaram os visitantes por 2-1. Vitória merecida da equipa local.

Apesar de numerosa assistência não foi como seria para desear.

Para que desporto seja de novo uma realidade na nossa terra é necessário que os louletanos dêem o seu apoio a estas iniciativas, comparecendo no Estádio da Campina.

Para apuramento definitivo dos ciclistas que representarão Loulé na próxima prova distrital a promover pela Federação Portuguesa de Ciclismo, teve lugar no pretérito dia 9, neste lugar, o 2.º circuito que definiu os elementos que irão a Faro disputar a prova que decidirá os representantes do Algarve à final a realizar num grande festival em Lisboa.

Este circuito teve o seguinte itinerário: Loulé — Goncinha — Patacão — Faro — S. Braz de Alportel — S. Romão e Loulé — Estádio da Campina com 10 voltas à pista.

A partida foi dada no Largo Gago Coutinho, com a participação de 15 corredores, sendo uns dos «Leões de Loulé» e outros isoladamente, e que desperdiçou grande aglomeração de público que aplaudiu os jovens ciclistas.

O primeiro precalço verificou-se na descida da Goncinha, tendo ficado atrás dos 2 corredores por avarias de máquinas.

Ao passar pelas Pontes de Marchil — Faro, cortou a meta em primeiro lugar Valério Clara Chocalheiro, de Estoi que representava «Os Leões», seguido do resto do poletão.

Na estrada e povoações verificou-se grande entusiasmo, pois a caravana, composta na maior parte por motos e bicicletas motorizadas era muito extensa e ensurdecedora.

Isto, porém, prejudicou o bom andamento da prova, pois que essas pessoas não sabem guardar as distâncias, que evitarão desastres ao mais pequeno precalço.

Ainda se registaram factos que podiam ter provocado desastres, mas que felizmente não apressaram de justos.

Ao passar junto do Posto da P. V. T. em S. Brás de Alportel, verificou-se um engarrafamento de trânsito devido à aglomeração dos automóveis que acompanhavam a prova.

Ao Estádio da Campina chegou em primeiro lugar o Besourinho logo seguido de Abílio Victor e de Virgílio José Nunes, tendo o primeiro ganho a prova ao «sprinter», com dois metros de vantagem sobre os outros.

A classificação final foi: 1.º, Besourinho; 2.º, Virgílio José Nunes e 3.º, José Libânio Silvério Medeiros.

Realizou-se depois o encontro de futebol entre as equipas dos «UNIDOS» de S. Brás de Alportel e «LEÕES» de Loulé, que ganharam por 1-0, demonstrando que num futuro, Loulé talvez possa contar com quem dê vida ao desporto local.

No intervalo do encontro, disputou-se uma prova ciclista com a participação detidos os corredores que tomaram parte na anterior, tendo os «sprinters» sido ganhos pelo «Besourinho».

Esta prova foi ganha por João Manuel de Brito em 1.º lugar, 2.º Besourinho e 3.º António João, das Pontes de Marchil.

Já com a prova a terminar pois ia cortar a meta, saltou o bolão da bicicleta do Besourinho impedindo-o assim de ficar classificado em 1.º lugar.

É digno de registo o espírito empreendedor e o dinamismo do Rev. sr. Padre Luis Celato, principal organizador — entusiasta de todo este movimento desportivo que está ressurgindo em Loulé.

PESQUIZADOR

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Banco Al. Ultramarino

Por motivo de inspecção aos serviços da Agência do Banco Nacional Ultramarino desta vila, encontra-se temporariamente a prestar serviço na agência de Vila Real de Santo António o nosso prezado amigo e colaborador sr. Raul Rafael Pinto, dinâmico gerente da agência desta vila do B. N. U.

Em sua substituição, encontra-se em Loulé o gerente da agência de Vila Real de Santo António sr. José Fernandes Leal.

Senhores Industriais e Proprietários

Quereis instalações que satisficam as vossas necessidades?

A MOTOLUX, Lda., está apta a fornecer força motriz para todos os ramos, bem como o estudo adequado.

Motores e electro-bombas das melhores marcas nacionais e estrangeiras.

Assistência técnica garantida por um Engenheiro Electrotécnico.

Cartas ao Director

Há que tomar

providências

Ex.º Sr. Director
de «A Voz de Loulé»

Permita-me V. Ex.ª que me sirva do v/ conceituado jornal para fazer eco de um lamentável estado de coisas que de há muito vem prejudicando a população da nossa vila em benefício de reduzido número de negociantes que no nosso concelho transaccionam frutos verdes e peixe.

Como é do conhecimento geral, as freguesias de Boliqueime, Almancil e a área das Quatro Estradas produzem grandes quantidades de ervilha, java, tomate e outros frutos verdes de largo consumo. Apesar disso a nossa vila, não obstante estar situada a poucos quilómetros, está normalmente muito mal abastecida destes produtos. E isto acontece porque os produtores, e especialmente os intermediários, procuram canalizar TUDO para Lisboa, com manifesto prejuízo da população local que só consegue comprar esses produtos na nossa praça quando o mercado de Lisboa está subabastecido.

Por isso, os revendedores de Loulé estão agora tendo grande dificuldade em comprar menos do que precisam para o seu comércio e mesmo assim por preços mais altos do que seria razoável esperar nesta época do ano.

É, portanto, para desejar que as autoridades locais providenciem no sentido de se tornar obrigatória a venda para o mercado de Loulé duma percentagem dos produtos que diariamente saem do concelho, norma essa que já em tempos foi seguida com óptimos resultados. E isto parece-nos absolutamente necessário tanto para os produtores agrícolas como para o peixe, de que também a nossa praça anda normalmente mal abastecida, mesmo quando a pesca é abundante em Quarteira.

Também nos preços devia haver uma rigorosa fiscalização, pois que se pressentem lucros exagerados em flagrante prejuízo das classes de mais modestas posses.

Esperando que esta minha sugestão mereça vir a público no conceituado jornal de V. Ex.ª e obtenha o mais rápido e decisivo apoio das entidades responsáveis da nossa terra, queira aceitar, Sr. Director os cordiais cumprimentos do

OBSERVADOR

Corporação do Lavoura

Em representação, respectivamente, da produção e do trabalho agrícola algarvios, fazem parte do Conselho da Corporação da Lavoura, recentemente eleito, os srs. Dr. Jaime Guerreiro Rua, presidente da Direcção da Federação dos Grêmios da Lavoura da nossa Província, e Manuel Correia Dourado, presidente da direcção da Casa do Povo da Luz de Tavira.

Farmácias de serviço

Durante esta quinzena estão de serviço permanente as seguintes farmácias:

Dias 16 - 21 - 26 - 31 — Santos
» 17 - 22 - 27 — Conf.ª
» 18 - 23 - 28 — Pinheir.
» 19 - 24 - 29 — Pinto
» 20 - 25 - 30 — Madeira

Um «Fiscal do Estado»

preso em Boliqueime

Temos ouvido falar, muitas vezes, no já célebre conto do vigário. Nos jornais diários, em repetidas ocasiões, verificamos que, de vez em quando, mais um caiu na rede e lá se foi no embrulho. Pasmamos como, em pleno século XX—século em que os mais parvos desejam passar por espertos—ainda aconteçam tais coisas. Quando se nos depara um dos tais «contos do vigário», em nosso espírito, nasce um misto de revolta e piedade, e, à nossa mente, afloram as sacramentais perguntas:—Como, isto, em pleno século XX? Será possível tal acontecer? Não têm visto nos jornais casos semelhantes? E sinceramente, admiramos-nos com a esperteza dos burlões e a «inocência» dos incautos.

Pois, caro leitor, verdade verdadeira, um «Fiscal» do Estado, foi preso em Boliqueime. Como? Passemos aos factos e contemos o caso que teve o seu epílogo, em Boliqueime, no passado dia 3.

No dia 1, sábado, à noite apareceu, em Boliqueime, um homem não muito modestamente vestido, de maneiras corretas, e com o seu quê de insinuante.

Ostentava, no braço esquerdo, uma bragaçeira vermelha, onde se podiam ler as seguintes palavras: Estado-Fiscal.

Como Boliqueime aguarda, ansiosamente a hora de ver o início dos trabalhos de electrificação da sede da freguesia, o tal sujeito, certamente, conhecedor do assunto, fez-se passar por fiscal do Estado, junto do empreiteiro a quem a obra foi adjudicada.

Instalou-se em casa de pessoa séria que fornece refeições e que, a muito custo, lhe arranhou também dormida.

Mas, assim como é fácil descobrir quando e onde o diabo se esconde, porque a ponta da cauda fica sempre fora do esconderijo, assim o nosso herói, facilmente, se tornou suspeito.

O seu porte, as suas maneiras, o seu modo de falar e, sobretudo, a sua bagagem o traíram e denunciaram. Para quê e

porquê só uma telefonía? E as malas de viagem?

Mas era domingo, quando tal se tornou notado! A quem pedir informações?

No entanto, o homem ou antes o «Fiscal do Estado», serenamente e com a mais impressionante calma, iniciou os seus trabalhos. Comprou um pedaço de fio de cizal que servia de fita métrica (era preciso poupar a que lhe fôra fornecida pelo Estado) e com ele procedia às suas hipotéticas medições. A guiza de planta da rede eléctrica arranhou umas folhas de papel de 35 linhas, que ele próprio rabiscava, com um lápis. Contratou duas pessoas a quem «pagava» a fêria de 30\$00 diários. Muniu-se de um pincel e duma lata de tinta de esmalte, com os quais fixava nas paredes hieroglíficos parecidos com estes:— D. 15. P., F. L. 12 E 2 e L 13.

E, assim, andou o nosso herói durante todo o santo domingo e parte de segunda-feira.

(Continuação na 3.ª página)

Acompanhe

o progresso!

Os impressos em alto relevo têm um aspecto atraente, sugestivo e moderno.

—«1»—

Encomende os seus impressos na
GRÁFICA LOULETANA
Telef. 216 Loulé

José Joaquim Barreiros

Missa do 1.º aniversário

A família de José Joaquim Barreiros e Maria Francisca Barreiros, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir à Missa que no passado dia 5 do corrente foi rezada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, por alma dos queridos extintos.

SEGUROS

Em 1956 os valores dos seguros agrícolas no Algarve ascenderam a 32.138 contos, tendo-se registado onze sinistros pelos quais as companhias pagaram 41 contos.

Motolux, L.ª

Apresenta:
os Aspiradores e Enceradoras PROGRESS
Aspiradores Minor, Nova Plastic e o célebre PBF com regulador de Aspiração.

ENCERADORAS com 2 e 3 escovas, modelos com e sem aspiração

Preços abaixo de qualquer marca que se lhe possam igualar
Peça uma demonstração

Vendas em todas as modalidades

CASA NATAL

de MENDES & MARUM, L.ª

AVENIDA MARÇAL PACHECO—LOULÉ

Tem a honra de apresentar:

COMPLETO SORTIDO DE RETROZEIRO

As últimas novidades em Vestidos, Fatinhos e todos os artigos para Crianças

As mais distintas GOLAS Os mais lindos e perfeitos BORDADOS E RENDAS

Agradece a gentileza de uma visita

A GERÊNCIA

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Março:
Em 14, a sr.ª D. Maria Ode-te Pinguinha do Nascimento.

Em 18, as sr.ªs D. Maria Valentina Guerreiro Rua Frade e D. Isabel Seita Monteiro.

Em 20, a sr.ª D. Maria Isabel dos Santos Ferreira e a menina Ercilia Maria Rosa da Fonseca.

Em 21, a menina Irlinda Nunes da Piedade.

Em 22, as meninas Maria Antonieta Pontes Barros e Maria Cecília Oliveira Calado.

Em 23, a menina Maria de São José do Adro Gago.

Em 25, a menina Maria Helena Pires Rosária.

Em 26, a menina Bernarda Maria Cavaco Barros.

Em 27, a menina Esmeraldina Guerreiro Martins.

Em 28, a sr.ª D. Maria José Pina e o sr. Alexandre João do Nascimento.

Em 30, o sr. Casimiro José da Piedade Mata, residente em Angola.

Em 29, a menina Benvinda de Sousa dos Santos.

CASAMENTO

Na igreja paroquial de Portimão, realizou-se há dias o enlace matrimonial da nossa contrârranea, sr.ª D. Laura Tereza de Jesus Carrilho, com o sr. Jaime de Figueiredo d'Abreu, abastado proprietário na Batalha.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a sr.ª Dr.ª D. Mariana dos Santos Patrício e seu esposo, sr. Dr. Luis dos Santos Patrício, e por parte do noivo o sr. Carlos Silva, importante industrial em Leiria e sua esposa sr.ª D. Mariana Silva.

Aos noivos, que fixaram residência na Batalha, endereçamos cordiais parabéns e votos sinceros de feliz vida conjugal.

DOENTE

Continua retido no leito, apesar de estar experimentando sensíveis melhoras, o nosso prezado amigo e assinante, sr. José Teixeira Faisca, estimado Chefe da Secretaria Judicial de Loulé, que esteve bastante incomodado de saúde.

Sinceramente lhe desejamos pronto restabelecimento.

NASCIMENTO

No Hospital desta vila, teve o seu bom sucesso, no passado dia 10 do corrente dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Luciana Ramos Plácido, esposa do nosso prezado assinante, sr. José Barata Plácido.

Os nossos parabéns aos pais e votos de longa e feliz vida.

FALECIMENTOS

Faleceu em Faro, onde há anos residia na companhia de sua filha, sr.ª D. Raquel Duarte de Aragão Teixeira, a sr.ª D. Maria Virginia Duarte Teixeira, muito conhecida e geralmente estimada pelas suas excelentes qualidades.

Natural de Loulé e há muitos anos viuva, a saudosa extinta era também mãe da sr.ª D. Maria José Duarte de Aragão Teixeira Marrecas, casada com o sr. Cândido Marrecas, conceituado agente do Banco de Portugal em Beja e apreciado escritor, e dos srs. Dr. José Duarte de Aragão Teixeira, distinto advogado, casado com a sr.ª D. Irene Cruz de Aragão Teixeira, e Abel Duarte de Aragão Teixeira, ausente no ultramar.

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Alexandrina dos Reis de Freitas, de 80 anos, solteira, natural de Loulé, tia das sr.ªs D. Margarida D. Raquel e D. Liberta de Freitas e dos srs. David, Francisco e Fausto de Freitas, tia-avó do artista pintor Lima de Freitas, presentemente em Paris e prima dos srs Luciano e Pedro de Freitas, a quem apresentamos sentidos pesames.

Em Lisboa, onde há muito residia, faleceu no passado dia 7, o nosso contrârraneo, sr. Capitão João Mendes Cabegadas, combatente e inválido da Grande Guerra e antigo industrial.

Contava 70 anos, deixa viuva a sr.ª D. Alice Pacheco Cabegadas e era pai da sr.ª D. Maria Alice Cabegadas Neto e sogro do nosso amigo sr. Artur Aguedo Neto, abastado proprietário em Faro. Muito conhecido e geralmente estimado era irmão da sr.ª D. Berta Guerreiro Cabegadas e dos srs. Vice-Almirante José Mendes Cabegadas Júnior, Nuno Guerreiro Cabegadas e tio do sr. Dr. Manuel Cabegadas, dedicado director clínico do Hospital desta vila.

O funeral do sr. Capitão João Cabegadas, realizou-se em Lisboa para o Talhão dos Combatentes da Grande Guerra, no cemitério do Alto de S. João.

As famílias enlutadas apresentamos a expressão do nosso pesar.

Prédios-Vendem-se

Por motivo de retirada para África vendem-se 2 prédios: um na Rua Rainha D. Leonor e outro na Avenida José da Costa Mealha, com Estação de Serviço no rez-do-chão.

Tratar na Avenida José da Costa Mealha, 40.

LOULÉ

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Participações de nascimento

Em modernos e interessantes modelos, executam-se na **GRÁFICA LOULETANA**.

DESPEDIDA

Francisco José Lourenço, sua esposa e filhas, tendo embarcado de regresso a Lourenço Marques e não lhes tendo sido possível despedir-se de todas as pessoas de família e amigas [especialmente de Salir] como era seu desejo, veem fazê-lo por este meio, pedindo desculpa da falta cometida e aproveitando para oferecer os seus préstimos em Lourenço Marques, Caixa Postal 253.

Carteiras de luto para agradecimento de pesames e

In-memoriums em finas e

artísticas estampas, executam-se na **Gráfica Louletana**

Telef. 216 LOULÉ